

CAPÍTULO 2

EM QUE TEMPO E ASPECTO SÃO TRATADAS AS CATEGORIAS TEMPO/ASPECTO?

Como o principal objetivo desta pesquisa é descrever a estrutura semântica das categorias tempo e aspecto na LIBRAS, é necessário, antes mesmo de apresentar discussões sobre fatos relacionados a essa língua, traçar, ainda que rapidamente, um histórico sobre os estudos que têm se destacado na investigação de tempo/aspecto, visando a deixar mais claras as escolhas teóricas aqui propostas para análise. Porém, não há, neste capítulo, a intenção de já estabelecer uma proposta para conceituar tempo/aspecto, o que será realizado no capítulo 4, paralelamente à análise dos dados na LIBRAS. Por conseguinte, os objetivos, neste momento, são apresentar ao leitor um pouco do embate teórico que tem acontecido, principalmente no Brasil, com as tentativas de explicar essas duas categorias e destacar algumas descrições de tempo/aspecto já realizadas para línguas de sinais.

2.1 Breve histórico dos estudos na área da aspectualidade

Mais comumente, quando se pergunta sobre tempo nas línguas, pode-se ouvir, por exemplo, que ele indica o momento em que as ações verbais acontecem, pensando simplesmente nos tempos ditos naturais: presente, passado e futuro. O aspecto, por sua vez, seria responsável pela interpretação de uma ação como concluída ou não, observada na sua duração ou repetição.

Todavia, a questão não é tão simples assim, pois a noção de aspecto na literatura, quase sempre, relaciona dois fenômenos temporais que são confusos. Um é uma propriedade temporal inerente às situações em si, expressada por verbos. Essa noção é chamada de aspecto lexical ou *Aktionsart*. A outra noção de aspecto refere-se a diferentes maneiras de pressentir situações dadas por propriedades da predicação verbal. Tais propriedades podem denotar ocorrências pontuais – o início e o final da ação coincidem – ou ocorrências incompletas, continuadas, isto é, sem

desfecho. Para a primeira situação a interpretação é de aspecto perfectivo e para a segunda de imperfectivo.¹⁰

Na verdade, essas noções são propostas por diferentes teorias de diversos estudos que procuram explicar o que são as categorias tempo/aspecto, retomando as idéias de Aristóteles (em *Metafísica IX*, 1048) com sua distinção entre duas classes aspectuais dos verbos: estados e processos. Mas qual é, afinal, a curiosidade dos pesquisadores que investigam tempo e aspecto? De uma forma simplificada, pode-se dizer que é descobrir como os falantes de uma determinada língua produzem e interpretam sentenças isoladas ou em seqüências discursivas com significado temporal. Observe-se o exemplo a seguir:

Envelhecer¹¹

Mário Quintana

Antes, todos os caminhos iam.

Agora todos os caminhos vêm.

A casa é acolhedora, os livros poucos.

E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

Se esse texto é compreendido, significa que o leitor organizou temporalmente os eventos do poema: o que aconteceu primeiro, por último ou simultaneamente. É possível que, para isso, tenha sido necessário ao leitor recorrer a conhecimentos de ordem cognitiva, cultural e lingüística (elementos internos e externos). É isso justamente que os semanticistas desejam desvendar.

Para tanto, tem se procurado definir o que seria tempo, aspecto e evento, com as mais variadas propostas para estabelecer a relação entre esses três elementos. O problema é que, embora essas categorias estejam muito relacionadas, tempo não pode ser confundido com aspecto, uma vez que essa última categoria, de acordo com Allan (2001), é o contorno temporal interno de uma situação; um “aspecto” do desenvolvimento de um evento (iniciação, término, continuidade, completude, habitualidade, iteração, pontualidade). No que diz respeito à categoria

¹⁰ Uma explicação mais completa a respeito das diferentes abordagens existentes sobre aspecto pode ser encontrada em Castilho (1994).

¹¹ Quintana, M. *Prosa e verso*: compilação do autor. Porto Alegre: Globo, 1978.

tempo, Sánchez (2000) diz que ela é a forma na qual se ordenam os eventos e, historicamente, tem sido descrita de duas maneiras: tempo físico (universal) e tempo mental (cognitivo). De acordo com ele, no século XX, Bertrand Russell propõe que o tempo físico seria fixo e o cognitivo, um esquema mutante em que podem encaixar-se os acontecimentos.

Sánchez (2000) também destaca que Van Fraassen (1970) estabelece uma divisão mais clara, observando que o tempo cognitivo, que não é real, corresponde ao tempo físico para representar os eventos, mas o falante interpreta os eventos e os organiza em sua memória não necessariamente de maneira idêntica aos eventos da realidade. Dessa forma, o tempo cognitivo é instável, no sentido de que os falantes recordam os acontecimentos de maneira aproximada.¹²

Ainda sobre essa questão, Ludlow (1999), ao propor uma teoria para descrever tempo físico e tempo gramatical, considerando a natureza metafísica da linguagem, também observa que há razões para supor a existência de uma relação muito próxima (não-isomórfica) entre a semântica da flexão temporal e o tempo metafísico, ou seja, é possível estabelecer um paralelo entre essa proposta com a da existência de um tempo cognitivo relacionado ao tempo físico. Nas palavras do pesquisador:

[...] what makes something of “tense” if not that it has some reflex in the temporal character of the external world? Moreover, appeals to the psychology of time consciousness only delay the inevitable connection between tense and time. After all, what makes something “time” consciousness if not some connection between those mental states and temporal reality.
(LUDLOW, 1999:137)

Um dos primeiros trabalhos que buscaram unir conceitos filosóficos como esses e conceitos da Lingüística, para mostrar a relação entre o tempo físico e os tempos lingüísticos, é apresentado no livro *Elements of symbolic logic*, do filósofo Reichenbach (1947). Esse livro faz uma minuciosa análise das propriedades lógicas das línguas naturais e, ao tratar do verbo, aponta como característica fundamental

¹² Ainda que essa divisão seja interessante, há que se pensar em como se estabelece a interação entre os falantes no que diz respeito ao entendimento sobre o tempo dos eventos, uma vez que cada falante tem uma organização cognitiva própria. É plausível também se pensar que, mesmo ao se considerar como subjetivos tanto a língua como a ordem temporal dos eventos, deve existir um conhecimento compartilhado entre os falantes e uma organização discursiva similar para os eventos. Isso é melhor avaliado no capítulo 4, item 4.1, ao se analisar as relações entre pragmática e aspectualidade.

dos morfemas verbais/temporais, em inglês, a capacidade de relacionar três tempos ou momentos que seriam estruturalmente relevantes para sua compreensão. Sua interpretação baseia-se no estabelecimento de três pontos teóricos na "linha" do tempo: o que assinala o momento da fala (MF), o que assinala o momento em que transcorre o evento (ME) e o que assinala o momento que é referencial para os dois primeiros, ou seja, o momento de referência (MR). Observe-se a aplicação desses pontos para descrever os três tempos simples:

Presente simples	Passado simples	Futuro simples
F,R,E	R,E F	F,R E

No presente, os três pontos são simultâneos; no passado, o evento é anterior ao momento de fala; no futuro, o evento é posterior ao momento de fala. Ou seja, essa interpretação consiste em determinar se o momento de referência é anterior, simultâneo ou posterior ao de fala, ou se este último é que é anterior, simultâneo ou posterior ao de referência. Esse tratamento, portanto, descreve a possibilidade de interpretação das formas temporais dentro de uma ordem cronológica; no entanto, se já há dificuldades com a definição de tempo gramatical, nessa proposta ainda aparecem outros conceitos complexos, entre eles o da relação entre momento de referência e momento do evento.

É possível identificar, no exemplo do poema, dado anteriormente, que uma seqüência de enunciados tem, estabelecidas entre si, relações sucessivas de eventos, as quais, para serem compreendidas, podem exigir mais de um ponto de referência, além de poderem ser organizadas em intervalos de tempo, e não em momentos pontuais na linha temporal.¹³ Além disso, tais eventos se relacionam com contexto, cenário, elaboração, explicação, enfoque, etc. Isso mostra que não basta observar se o tempo de referência do evento se dá antes, junto ou depois do momento de fala para a análise da interpretação temporal. Há que se estabelecer uma classificação para os eventos, e é claro que para isso surgem algumas questões como, por exemplo, o modo como se dá a combinação entre os elementos lingüísticos e a interpretação dos eventos. Ou a necessidade de considerar

¹³ Isso será mostrado no capítulo 4 com a demonstração das propostas de Godoi (1992) e Lin (2002).

diferenças de interpretação entre situações em que o leitor compreende uma mudança de situação (heterogeneidade) e aquelas em que ele compreende uma situação acontecendo em todo um período de tempo (homogeneidade). Observem-se os exemplos:

1. Antes todos os caminhos iam / Agora todos os caminhos vêm.
2. A casa é acolhedora, os livros poucos.

Quais são, portanto, as propriedades necessárias para se ter um evento e como essas propriedades se relacionam com os momentos de fala e de referência? Isso não se coloca na proposta de Reichenbach (1947), assim como para o denominado momento de fala, conforme Sánchez (2000), acontece uma simplificação sobre a existência de diferentes instantes nesse momento, que seriam: o instante de codificação, o de decodificação e o de avaliação. Este autor chama a atenção para o fato de que normalmente os três coincidem, mas em alguns casos é preciso distingui-los.

Dowty (1979), uma referência importante na área da aspectologia, propõe a noção de intervalo de tempo, diferentemente dos momentos de Reichenbach (1947). Para aquele autor, aspecto se distingue de tempo, do ponto de vista semântico, porque tempo serve para relacionar uma situação descrita no momento de fala (como presente, passado e futuro) enquanto aspecto faz distinção de questões como começo, meio e fim de um evento – fazendo referência se o evento ocorre em um momento ou repetidamente, se é completo ou incompleto.

Essa definição de Dowty (1979) pode ser colocada em paralelo à de Comrie (1976), que estabelece uma concepção de tempo e aspecto em que essa última categoria é vista como as diferentes maneiras de interpretar a constituição temporal interna da situação. Enquanto o tempo é uma categoria dêitica – pois localiza o tempo da situação referida com relação a outro momento, geralmente o momento da fala – o aspecto é uma categoria não-dêitica, porque se refere à situação em si. Dessa maneira, o autor estabelece condições de verdade não apenas para os verbos ou sintagmas verbais, mas para as sentenças em relação a um intervalo de tempo em vez de a um ponto na linha temporal. Isso parece próximo à análise de

Reichenbach (1947), porém já apresenta uma definição mais acurada para a relação entre eventos e temporalidade.

No Brasil, o que se tem feito para investigar as relações entre tempo e aspecto é adotar uma proposta estritamente lingüística, sem priorizar considerações filosóficas como as descritas anteriormente. Por isso, muitos estudiosos brasileiros seguem a proposta de Reichenbach (1947) com “pontos” para marcar os momentos de fala, evento e referência no tempo, entretanto procuram avaliar juntamente as duas categorias tempo/aspecto, como interpretações lingüísticas que se completam. Entre esses pesquisadores estão Ilari (1997), Godoi (1992) e Lopes (1987), entre outros.

A fim de exemplificar rapidamente essa interpretação temporal que completa a aspectual, é possível verificar a teoria de Ilari (1997) que analisa as construções temporais como "relações cronológicas". Para o autor, a localização no tempo dos atos, estados e processos, ou seja, das questões aspectuais expressas pelas sentenças da língua, é basicamente o resultado de uma construção. Segundo o autor, essa construção envolve morfemas verbais, os auxiliares, os adjuntos e, eventualmente, informações que se buscam em lugares bem determinados do contexto. Ilari (1997) ainda afirma que certas relações aspectuais funcionam como um cálculo e todo o predicativo comporta um "esquema temporal subjacente". Nesse ponto, o pesquisador faz uma observação que tem sido um desafio para os estudiosos desse tema: classificar os esquemas temporais subjacentes aos predicados das línguas.

É possível dizer que isso é um desafio porque, nas últimas décadas, a grande maioria dos semanticistas que investiga aspecto se manteve na análise lexical dos verbos – apenas aceitando ou reformulando, superficialmente, a classificação vendleriana para os verbos – sem considerar, portanto, a possibilidade de avaliar aspecto como resultado da organização dos predicados verbais (Ilari, 1997), ou como denotação de proposições de toda a sentença (Dowty, 1979).

Pela hipótese de Vendler (1967), que aplicou sua análise aos verbos do Inglês, é possível chegar a quatro grandes classes de verbos. Distinguem-se, em primeiro lugar, aqueles que se conjugam na forma progressiva dos que não admitem essa conjugação, observando, em seguida, que forma assumem as perguntas sobre

a duração – "Por quanto tempo?" ou "Em quanto tempo?". Os critérios de Vendler (1967) não servem diretamente para o Português, como apontam Ilari (1997) e Godoi (1992), mas é possível, conforme Ilari (1997), aceitar para essa língua uma classificação bastante parecida, distinguindo processos pontuais de processos duráveis e, entre estes últimos, os que indicam estados e os que indicam atividade. No entanto, Godoi (1992) observou que a classificação de Vendler (1967) não basta, porque ao considerar apenas os verbos para a análise aspectual, qualquer interpretação dos predicados como um todo se torna ambígua. A pesquisadora defende que as classes aspectuais só podem ser conceituadas se consideradas as situações, uma vez que estas estão localizadas no tempo.

Outro nome fundamental relacionado à pesquisa de tempo/aspecto é o de Castilho (1968; 1995), que dedicou sua pesquisa à realização dessa categoria no português. O autor apresenta aspecto como sendo a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo. Esse autor analisou, no Português, recursos lexicais e morfossintáticos para determinar quatro possibilidades aspectuais: imperfectivo, perfectivo, iterativo e indeterminado.

Quem procura ampliar essas definições é Travaglia (1985), para quem aspecto é a indicação da duração do processo, bem como dos graus de desenvolvimento desse processo, isto é, o modo de ação, envolvendo o tempo físico. Assim, aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções (término, não término, início, resultado...). O autor chama a atenção para o fato de que o aspecto, apesar de ser uma categoria que recai sobre o verbo, sofre influência dos demais elementos presentes no enunciado, portanto é impossível estudá-lo sem tratar da relação com estes elementos. Ele ressalta ainda a perspectiva do falante como determinante do aspecto expresso em um dado enunciado.

Travaglia (1985) coloca como aspectuais as noções expressas pelo verbo, pela interação deste com elementos da oração e as noções relacionadas à duração da situação. Para o autor, duração é considerada como uma noção aspectual, estabelecendo quatro aspectos referentes a ela: indeterminado, habitual, durativo e iterativo. Porém, segundo Godoi (1992), Travaglia (1985) acaba por prender essa

noção apenas à categoria verbal de forma mais intuitiva do que por fundamentos teóricos, o que gera problemas de interpretação. A pesquisadora cita como um exemplo desses problemas a conclusão de Travaglia (1985) de que certas perífrases, como “acabar + gerúndio”, não marcam aspecto.

Essas interpretações demonstram, no mínimo, que a expressão aspectual não pode se dar apenas com a forma verbal e, portanto, para a análise aqui proposta, pretende-se avaliar a leitura aspectual como resultado da combinação da semântica do verbo com as flexões gramaticais, com as expressões temporais (adjuntos adverbiais, por exemplo) e com os argumentos verbais. Além disso, embora haja uma relação forte entre as categorias tempo e aspecto, pois ambas, conforme Castilho (1995), podem ser concebidas como propriedades de predicação, nesta análise é levado em conta o fato de que tempo – diferentemente de aspecto – estabelece relações dêiticas, por estar vinculado com o tempo de fala. Essa idéia será aprofundada no capítulo 4, com as leituras de trabalhos de pesquisadores que seguem essa linha, como Godoi (1992) e LIN (2002).

2.2 Descrições de tempo e aspecto já realizadas para as línguas de sinais.

A primeira observação a fazer a respeito das análises sobre tempo/aspecto na LIBRAS é que são poucas as investigações existentes nessa área até mesmo para línguas de sinais bastante pesquisadas como, por exemplo, a americana. Entre esses estudos, Fischer (1973) constata que questões relacionadas à morfologia, nas línguas de sinais, acontecem por repetição de um movimento, o qual pode ser usado para expressar aspecto verbal e plural nos nomes, por exemplo. Segundo a autora, na maioria das línguas faladas, as palavras morfologicamente complexas são geralmente formadas pela adição de prefixos e sufixos à palavra raiz; na Língua Americana de Sinais, essas formas são criadas alojando-se um sinal raiz (mantido ou repetido) dentro de planos ou contornos de movimento dinâmico no espaço. Fischer (1973) informa, ainda, que essa língua tem muitas flexões verbais responsáveis pela transmissão da informação temporal sobre a ação, por exemplo, se a ação é habitual, repetitiva ou contínua.

Investigadores de línguas de sinais como Amaral, Coutinho & Martins (1994), Zeshan (2000, 2003), entre outros, têm relacionado o tempo com uma linha imaginária, na qual o passado, o presente e o futuro se determinam pela produção de sinais temporais em diferentes localizações do espaço de sinalização. Os conceitos básicos do tempo são expressos em relação ao corpo do sinalizador ao longo dessa linha temporal.

Sobre o emprego desse recurso, Pereira (1993) afirma que a partir da análise da Língua Americana de Sinais é possível identificar quatro linhas temporais nas quais se situam unidades lexicais para indicar a concepção de tempo. Conforme a autora, nessa língua, a noção de linha temporal é mais do que um constructo mental, isso porque muitos verbos podem formar seu futuro a partir de um movimento para frente, mas não constituem um fenômeno estendido a todo o paradigma verbal. De acordo com sua análise, uma série de verbos da Língua Americana de Sinais são flexionados no tempo passado com aspecto pontual: DAR, DIZER, CHEGAR, ENSINAR, IR, CAIR, CONTAR e SABER. Nesses sinais, o movimento e as paradas finais se produzem com certa tensão e o corpo do sinalizador permanece rígido por um breve momento. A pesquisadora observou, ainda, que essa língua não só ordena os eventos temporalmente, mas também dispõe de marcadores adverbiais de modalidade temporal que estabelecem a referência e a modalidade temporais de toda a proposição.

Assim como Pereira (1993), outros pesquisadores têm tomado os estudos realizados com a Língua Americana de Sinais como ponto de partida para descrever a LIBRAS. Entre esses pesquisadores está Quadros (1997, 1999) que, entre outras investigações, analisa a organização sintática da LIBRAS, com base na proposta gerativista. A seguir, são destacados alguns pontos relacionados a tempo e aspecto de diferentes trabalhos dessa autora.

2.2.1 Algumas postulações de Quadros para a análise aspectual

Em seu trabalho, Quadros (1997) estabelece uma classificação dos verbos para LIBRAS conforme as possibilidades de flexão da Língua Americana de Sinais. Para a autora, *plain verbs* são verbos que não se flexionam em pessoa e número e

não tomam afixos locativos¹⁴; alguns desses verbos se flexionam em aspecto. Exemplos dados por Quadros (1997) dessa categoria na Língua Americana de Sinais: LOVE, CELEBRATE, LIKE, TASTE, THINK, WONDER; na LIBRAS: CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR E GOSTAR. *Inflecting verbs* são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não tomam afixos locativos. Novamente, exemplos apresentados pela autora para essa categoria na Língua Americana de Sinais são GIVE, SHOW, TELL, ASK, SEND, INFORM, FORCE, PERSUADE, e, na LIBRAS, DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR. A última categoria definida por Quadros (1997) é a dos *spatial verbs*, isto é, aqueles que têm afixos locativos. Exemplos na LIBRAS são VIAJAR, IR, CHEGAR.

Em Quadros & Karnopp (2004), essa classificação é retomada e, seguindo Quadros (1999), as autoras propõem uma categorização dos verbos a partir da observação da existência de uma assimetria morfológica na organização dessa classe de palavras na LIBRAS. Sugerem, então, uma divisão entre verbos com e sem concordância e incluem os “espaciais” no conjunto dos verbos com concordância. De acordo com a pesquisadora, isso é possível porque a principal característica dos verbos com concordância é a de ter traços a serem checados sintaticamente e, com isso, gerar o desdobramento de IP em AGRP e TP. Diferentemente, os verbos sem concordância apresentam apenas IP na estrutura projetada. Quadros & Karnopp (2004) observam, ainda, a existência dos verbos “manuais” e dos classificadores,¹⁵ que parecem não se encaixar completamente nessa divisão. Os primeiros envolvem uma representação do ato de segurar objetos e os classificadores, conforme as pesquisadoras, parecem estar incluídos na classe

¹⁴ Conforme Felipe (1998), na LIBRAS, o ponto de articulação também pode funcionar como flexão verbal ao marcar a localização nos verbos. Para compreender essa flexão verbal, é necessário distinguir dois tipos de ponto de articulação: um que faz parte da configuração sígnica do verbo – que é somente traço distintivo no plano fonológico da língua – e outro que pode funcionar como um morfema. Nesse segundo caso, o ponto de realização sígnica é um local real ou convencionalizado no qual o movimento termina. Esse ponto funciona como marca de concordância com o argumento do verbo, ou seja, a flexão se refere ao sintagma locativo obrigatório para que o verbo tenha sua propriedade finalizada. Um exemplo dado por Felipe (1998) é repetido aqui para ilustrar essa questão:

MESA_k COPO_{coisa-arredondada} COLOCAR_k “colocar copo na mesa”.

O índice ‘k’ especifica o local exato onde o copo é colocado na / sobre, acima, embaixo, no meio, no lado direito/esquerdo, do lado direito perto da mesa enquanto locativo. (FELIPE, 1998:56)

¹⁵ Quadros & Karnopp (2004) defendem que os classificadores são formas complexas, com diferentes propriedades morfológicas, usados para especificar movimento, posição ou descrever o tamanho e a forma de objetos e pessoas. Para a formação dos classificadores pode, por exemplo, ser empregada a configuração das mãos, do movimento e da locação a fim de denotar qualidades de um referente. Esse assunto será retomado para mais considerações nos capítulos 3 e 4, por interessar diretamente à pesquisa de tempo/aspecto na LIBRAS.

dos verbos “manuais”, pois, ao congregarem a informação verbal da sentença, incorporam, ao mesmo tempo, se necessário, o objeto, o número e o grau, assim como os “manuais”.

Com relação ao aspecto na LIBRAS, Quadros & Karnopp (2004) afirmam que há flexões nas formas e na duração dos movimentos dos sinais para expressar essa categoria. Colocam, ainda, que as marcas de aspecto temporal estão exclusivamente relacionadas à distribuição temporal, sem incluir as flexões de número, pois essas dizem respeito ao aspecto distributivo. Vale ressaltar a análise das autoras de que há um movimento sintático do verbo para a posição de SOV na LIBRAS, que ocorre pela necessidade de checar aspecto – uma categoria funcional para a teoria gerativa minimalista – observando que a ordem básica da LIBRAS, de acordo com Quadros (1999) é SVO. Esse movimento ocorre, conforme as pesquisadoras, porque aspecto pode ser marcado tanto em verbos sem ou com concordância e, assim, deve ser considerado uma categoria funcional independente de IP. Portanto, os verbos marcados para expressar aspecto aparecem em posição final na sentença.

É interessante também a proposição de Quadros (1999) de que os advérbios temporais podem estar antes ou depois da oração (IP (AgrP)), pois isso não é observado por outros pesquisadores da LIBRAS ao confirmarem que os advérbios ocorrem sempre no início das sentenças. Essa questão permite avaliar diferentemente o escopo temporal e aspectual dos advérbios.

Embora as pesquisas de Quadros não estejam relacionadas diretamente à semântica, ou à aspectualidade, as investigações dessa autora são um ponto de apoio importante para o presente trabalho, no qual se compreende haver uma inter-relação entre sintaxe e semântica.

2.2.2 A visão de Brito (1995) sobre tempo e aspecto na LIBRAS

Além dos trabalhos de Quadros (1995) sobre aspectualidade e classificação verbal na LIBRAS, há também, a esse respeito, investigações de Brito (1995). Para ela, na LIBRAS ocorrem modulações de movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. A autora nota que essas

marcas para aspectualidade aparecem como afixação por meio da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo, que seria considerado raiz ou radical.

Brito (1995) ainda coloca que na LIBRAS não há, nas formas verbais, a marca de tempo, pois a referência temporal seria dada por itens lexicais como os sinais adverbiais ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM, de modo a evitar, conforme a pesquisadora, entre outras coisas, o risco de ambigüidade, porque a narrativa se inicia com uma marca lexical temporal e, enquanto não aparecer outro item ou sinal para mudar o tempo do discurso, o que prevalece é a proposição inicial. Além disso, esses sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vêm seguidos de uma marca de passado (movimento para trás), futuro (movimento para frente) ou presente (movimento no plano do corpo).

É interessante notar que essas coordenadas, na verdade, empregam uma linha do tempo constituída no plano corporal, como já apontado para outras línguas de sinais. Um fato curioso sobre isso é a estruturação completamente diferente do tempo observada por Brito (1995) na Língua de Sinais Urubu-Kaapor, da comunidade indígena Urubu, localizada na floresta Amazônica, na qual, conforme a autora, o tempo futuro é para cima, o presente no torso do usuário e o passado não é marcado.

Ainda sobre a questão temporal, Brito (1995) esclarece que os advérbios de tempo na LIBRAS, geralmente, vêm no começo da frase, mas podem ser usados também no final. E, apesar de parecer que, na LIBRAS, os verbos sempre ficam no infinitivo, já que não há marca de tempo nesses itens, é possível uma proposta para classificar os verbos dessa língua considerando a existência de dois tipos de verbos: os que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal; e os que realizam concordância número-pessoal. Essa classificação se aproxima à de Quadros (1995) e também à de Felipe (1998), apresentada no próximo item.

2.2.3 Felipe (1998) e sua descrição sintático-semântica para os verbos da LIBRAS

Quem realiza um trabalho mais completo sobre classificação verbal na LIBRAS é Felipe (1998), que analisa, para isso, a relação sintático-semântica dessas categorias. De acordo com a autora, a LIBRAS é flexional, pois seus estudos comprovam que algumas das configurações de mãos podem ser classificadores, bem como algumas ocorrências dos parâmetros direcionalidade e pontos de articulação são empregadas como marcas de concordâncias.

A autora sustenta sua pesquisa nos trabalhos de Klima, Bellugi *et al* (1979) sobre os processos flexionais do verbo da Língua Americana de Sinais, observando esse fenômeno não apenas nos verbos, mas também nos nomes e adjetivos derivados. Os autores, segundo Felipe (1998), colocam que esses processos são indexical, com flexão de pessoa para certos verbos; recíprocal, quando há flexão para relação ou ação mútua; e, ainda, que há processo flexional para modo, aspecto distributivo e tempo (pontual, continuativo, gradual). Conforme a autora, essa pesquisa é importante para a investigação da LIBRAS, já que essa língua possui as mesmas categorias encontradas na Língua Americana de Sinais, empregadas da mesma forma, com expressões faciais e frequência do movimento funcionando como modificadores restritivos que co-ocorrem com a raiz-movimento do sinal.

Seguindo essa orientação, Felipe (1998) mostra que existem, na LIBRAS, dezenove configurações de mãos usadas na expressão do sistema de flexão verbal para gênero animado/inanimado. Além disso, a estudiosa observa que os morfemas sempre estão presos a uma raiz verbal, não ocupando uma posição sintagmática independente. Ou seja, realizam-se como desinências afixadas às raízes verbais e estabelecem, anaforicamente, concordância de gênero com o referente argumento do verbo. Com a análise das flexões na LIBRAS, baseada nos critérios morfológicos e semânticos dessa língua, a autora chega a uma classificação de quatro grupos de verbos: sem flexão, com flexão para pessoa do discurso, com flexão para gênero e verbos com flexão para locativo/tema.

A partir dessa classificação, Felipe (1998) acaba por fazer, em segundo plano, observações interessantes para esta tese, e que se aproximam das

realizadas por Brito (1995) e Quadros (1995). Destaca-se a questão de que, na LIBRAS, a flexão de aspecto verbal se dá pela mudança na frequência ou na velocidade dos movimentos, ocorrendo diferenças entre marcas para os aspectos durativo, distributivo e contínuo. Assim, os eventos, nessa língua, são reclassificados em ações, processos e estados. Já com relação às marcas para o tempo, a autora afirma que essa categoria é expressa sintaticamente pelos advérbios, na linha temporal, e que podem ser encontradas noções temporais também na raiz semântica dos verbos. Vale ressaltar que esse último ponto aproxima a análise da autora à classificação vendleriana, observada na primeira parte deste capítulo, a qual tem sido avaliada com ressalvas por pesquisadores como Comrie (1976), Dowty (1979), Travaglia (1995), Godoi (1992), Ilari (1997), Sánchez (2000), entre outros.

2.2.4 A proposta de flexão vista para outras línguas de sinais

Além desses trabalhos com a LIBRAS, estudos realizados com outras línguas de sinais – como a Indo-Paquistanesa, a Portuguesa e a Americana – assinalam para a ocorrência de flexão temporal e aspectual nessas línguas, pois nelas foram detectadas distintas maneiras de expressar tempo/aspecto. Por isso vale a pena destacar algumas dessas descobertas.

Um exemplo é a Língua Gestual Portuguesa, na qual, de acordo com Amaral, Coutinho & Martins (1994), encontram-se diversas marcas para formação do passado, do presente e do futuro. Os pesquisadores reforçam sempre que quaisquer dessas marcas são quase sempre acompanhadas de processos não manuais indispensáveis, como baixar e levantar as sobrancelhas, o movimento dos olhos e a posição da boca. Também observam que os processos para a formação dos tempos passado, presente e futuro implicam uma localização em três principais linhas temporais imaginárias que se situam perpendicularmente ao corpo à frente do tronco. Conforme os autores, em geral, a área perto do tronco tem um significado de presente e a área mais afastada, em frente, o significado de futuro; já o espaço atrás do ombro é utilizado para o passado.

Amaral, Coutinho & Martins (1994) observaram, ainda que, na Língua Gestual Portuguesa, o aspecto parece ser marcado diretamente no verbo, por exemplo, com a repetição e intensificação de movimentos para mostrar ações que são iterativas, mas em tempo definido. Os autores apresentam os seguintes processos como marca flexional de aspecto para essa língua:

- a) Repetição do sinal do próprio verbo, bem como das expressões que se acrescentam a ele;
- b) Mudança de duração na execução do verbo ou expressões que se lhe acrescentam e, também, nos traços de amplitude, intensidade e de tensão na execução dos sinais;
- c) Processos não manuais que acompanham a execução dos sinais e que são modificadores importantes e indispensáveis dos sinais.

Embora as observações de Zeshan (2000, 2003), sobre a Língua Indo-Paquistanesa de Sinais, apontem para uma localização de passado, presente e futuro bastante parecida com a da Língua Gestual Portuguesa, a autora constata que na primeira não há flexões temporais. Ou seja, o tempo, nessa língua, é indicado pelo uso de sinais específicos como PAHLE *antes*, BA:D *então*, depois e A:GE *mais tarde, no futuro* – muito próximo do que se propõe em algumas descrições para a Língua Americana de Sinais e para a LIBRAS.

A autora também observou a articulação desses sinais de tempo ao longo da linha temporal (espaço à frente do corpo dividido nos campos cognitivo e gramatical, sendo este último o lugar onde acontece a estruturação sintática), além de verificar que, usualmente, a idéia de tempo é fixada no começo da sentença e os sinais seguintes são interpretados a partir desse início. Ou seja, partículas funcionais temporais são operadores cujo escopo se dá sobre toda a sentença.¹⁶

Diferentemente das marcas temporais, Zeshan (2003) observa a existência de flexões morfológicas para marcar aspecto (gradual, não-realizado, alternância) e, ainda, que a expressão facial é um parâmetro importante para indicar várias

¹⁶ Vale lembrar que para Quadros (1999), na LIBRAS, os advérbios podem se localizar antes ou depois da oração. Ainda, como já apresentado, Felipe (1995) afirma que esses itens lexicais ocorrem mais no início das sentenças, mas podem também aparecer no final.

modificações adverbiais, assim como o é para a Língua Gestual Portuguesa. De acordo com a autora, além da possibilidade de usar um sinal separado com significado aspectual, a Língua Indo-Paquistanesa de Sinais tem um número de opções para modificar o padrão de movimento de sinais, a fim de adicionar tonalidades aspectuais de significado.¹⁷ O aspecto iterativo, por exemplo, é também formado pela repetição de sinais, mas com a possibilidade de ser modificado por flexão.

Além dos trabalhos Zeshan (2000, 2003) e Amaral, Coutinho & Martins (1994), que são organizados para a elaboração de uma gramática descritiva das línguas de sinais de seus países, há investigações de áreas específicas, como a fonologia, que também apresentam subsídios para considerar a possibilidade de as línguas de sinais terem sistemas flexionais, como se mostra no próximo item.

2.2.5 A contribuição das pesquisas de fonologia em línguas de sinais para a comprovação da flexibilidade

Um dos primeiros pesquisadores a propor a possibilidade de as línguas de sinais serem flexionais foi Newkirk (1978), com os trabalhos de descrição fonológica para a Língua Americana de Sinais. O autor argumenta em favor da existência de sufixação seqüencial, nessa língua, ao avaliar a formação de plural. Seu trabalho contribui com esta tese, principalmente neste item, porque, ao realizá-lo, o autor observou que os conceitos de “distribuição temporal” e “distribuição sobre recipientes” são representados separadamente: características rítmicas carregam informações sobre tempo, e reduplicações, sobre distribuição. Isso significa a possibilidade de combinar representações fonológicas com morfológicas ou semânticas para a marcação temporal em línguas de sinais.

Assim, a estrutura interna de um sinal lexical pode ser caracterizado como um conjunto de valores discretos que se apresentam em diversos códigos simultâneos na formação de parâmetros, incluindo a configuração de mãos, o lugar da articulação e o movimento. Para Newkirk (1998a), em algum nível ou níveis de abstração há evidências de que pelo menos um desses parâmetros, o do

¹⁷ Zeshan (2000, 2003), Klima & Bellugi (1979) denominam esse fenômeno de *aspectual modulatio*.

movimento, exibe uma organização de seqüência segmental e de que essa informação, relacionada à configuração de mãos, deve de alguma maneira ser realizada na forma superficial de um sinal, em coordenação temporal com a estrutura de movimento.

O pesquisador explorou, principalmente, a reduplicação circular para avaliar o parâmetro movimento e verificou que as duas partes da reduplicação de círculos mostram alternâncias, compreendendo vários tipos de segmentos caracterizados em termos de formação (tais como silábicas, dinâmica, movimento-*path*, *tense*, refração), bem como de características para distinguir as elaborações de movimento local (alteração de configuração de mão e categorias rotacionais). Newkirk (1998a) afirma que os segmentos descritos, em termos dessas características, tornam-se blocos construídos de sílabas, morfemas e assim por diante, e destaca os tipos de reduplicação de flexões encontradas no sistema aspectual temporal, como evidências para a segmentação em afixos na Língua Americana de Sinais, portanto, para a existência de flexão morfológica, nessa língua.

O autor observa que os verbos que recebem flexão são construídos a partir da raiz, por adição de afixos; por exemplo, um movimento abrupto compondo verbos direcionais pode estar correlacionado com ação pontual ou algum outro significado aspectual. Há, ainda, outros componentes dados pela característica do movimento (dinâmica, reduplicação, etc.) que são adicionados à raiz; todos esses componentes são denominados, pelo pesquisador, de elementos *stem-forming*, lidos aqui como afixos. O verbo em si é a forma superficial consistindo de uma raiz e um ou mais afixos. Para uma raiz iterativa, por exemplo, similar ao que ocorre com o aspecto habitual, a descrição dada por Newkirk (1998b) é a fórmula ([+reduplicado, -*tense*, +rápido, +direto,..]), ocorrendo juntamente com um morfema desenvolvido para número simples. A idéia de reduplicação nessa descrição é emprestada do sistema aspectual, no qual ela representa casos de não-continuidade (reduplicação não-completa) com a distribuição de ações sobre o tempo. Assim, a ação iterativa é vista como um momento diferente em cada tempo em que a ação é executada. Por isso, tempo abarcado pelo evento é não marcado, pois estaria subentendido na flexão aspectual.

Em síntese, Newkirk (1998b) apresenta diversos tipos de movimentos responsáveis pela flexão aspectual, principalmente para o continuativo na Língua Americana de Sinais. Comparando e contrastando essas formas flexionais, o autor encontrou um padrão de regularidade profunda efetuada pela própria flexão do continuativo. Em alguns verbos, ele se dá por um padrão de reduplicação elíptica, no final da forma de superfície, em outros casos, o movimento circular não é mais largo ou menor do que movimentos não flexionados. Uma maneira encontrada pelo pesquisador para chegar a uma generalização descritiva dessas várias formas do aspecto continuativo é definir a flexão em termos de círculos temporais dinâmicos, ocorrendo dentro da informação estrutural, que é inerente aos movimentos lexicais de sinais distributivos.

Esses círculos podem ser esquematizados como uma forma composta por duas partes: a primeira denominada de *heavy*, a qual compreende *tense* e se localiza no núcleo com movimento rápido, limitado por uma refreada; a segunda, chamada de *light*, é uma parte de um círculo modular, não marcada por *tense*, e se dá por movimento que retorna sempre ao ponto inicial do círculo.

Se isso realmente ocorre, ou seja, se é possível trabalhar com uma hipótese de que a estrutura das línguas de sinais tem os elementos ordenados seqüencialmente, o que as aproxima mais das gramáticas das línguas orais, é possível considerar que a estrutura das línguas de sinais é muito mais parecida com a das línguas orais do que previamente foi assumido. Na defesa dessa orientação, entre outros autores, está Sandler (1990), para quem as línguas de sinais dividem com outras línguas um princípio de organização universal. Nesse sentido, a identificação das diferenças estruturais entre línguas orais e línguas de sinais pode ser atribuída somente a efeitos de modalidade.¹⁸

Para a estudiosa, se a fonologia das línguas de sinais não tem uma estrutura linear significativa, isso representa uma distinção fundamental entre línguas de sinais e orais, uma vez que a linearidade é uma propriedade universal da fonologia das línguas faladas. Essa distinção poderia sugerir uma diferença na formação das regras em dois sistemas lingüísticos e indicaria, ainda, diversidade correspondente

¹⁸ Essa questão foi apresentada no capítulo 1, item 1.1.2.3.

nos tipos de operações cognitivas nos seus empregos. ¹⁹ Por isso, a autora sugere que, como as línguas faladas, a Língua Americana de Sinais tem uma estrutura fonológica linear significativa, inclusive para descrições de tempo e aspecto, cujas flexões, conforme Sandler (1990), requerem uma segmentação temporal na estrutura do sinal, assim como também propõe Newkirk (1978; 1981). Trabalhando com fonologia segmental, a autora conclui que a maior categoria segmental, na Língua Americana de Sinais, é dada pelas características de localização e, assim como na observação de Newkirk (1981), a diferença entre o aspecto habitual e o durativo ocorre somente pela presença ou ausência da especificação característica no movimento em arco.

Em Supalla & Newport (1978), já se coloca também a questão da existência de flexões morfológicas para a aspectualidade, porém os autores notam a necessidade de haver permissão da modalidade verbal para que isso ocorra. De acordo com eles, existem alternâncias realizadas pelos sinais de verbos com uma distinção morfológica que é marcada no comportamento dos movimentos. Em resumo, os autores notam que os verbos que acarretam um ponto espacial final (*end point*), por exemplo, são caracterizados por um comportamento *hold* do movimento no final do sinal; já aqueles que não têm um *end point* são executados com movimentos contínuos no final. Esse trabalho se completa com Supalla (1990), quando propõe que, ao analisar a relação entre aspecto simultâneo de um evento e os verbos *motion*, percebe-se a possibilidade de estrutura seqüencial, na Língua Americana de Sinais. Porém, nas palavras do autor:

Some aspect-marking inflections also operate on the serial verb construction. Extended slow reduplication, for example, is affixed to both the locomotion verb HUMAN-LEGS-RUNNING and the subsequent path verb MOVE-IN-A-CIRCLE- to refer to the event of human running around in a circle for a long time. The path verb may alternatively be affixed with a different but related inflection that extends the path, with the meaning "a human runs around with effort in a longer circular path." [...]The main point, however, is that entirely distinct inflections may not appear on the two verbs within a serial verb structure. Thus, if the locomotion verb is inflected for slow reduplication, it would be ungrammatical to inflect the path verb with a rapid rate of movement like "running around fast." (SUPALLA, 1990:150)

¹⁹ A esse respeito, Quadros & Karnopp (2004) mostram que as abordagens mais recentes das línguas de sinais têm enfatizado ambas as propriedades dos sinais: seqüencialidade e simultaneidade. Conforme as pesquisadoras: *O desenvolvimento de modelos fonológicos a partir do trabalho de Stokoe apresenta, por um lado, a introdução da ordem linear, mostrando a seqüencialidade das unidades que constituem os sinais, e, por outro lado, um aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades (simultaneidade) na descrição fonológica dos sinais.* (QUADROS & KARNOPP, 2004: 49)

Essa abordagem parece se confirmar com os dados apresentados no capítulo 3, ao se tratar das flexões para tempo/aspecto e dos classificadores.

Apesar da discordância entre os pesquisadores em relação a haver ou não flexão temporal em línguas de sinais e também sobre o fato de se essas línguas apresentam estruturas seqüenciais próximas às das orais ou não, um ponto comum aparece em todas as tentativas de descrição, ou seja, para expressar a categoria tempo, geralmente, emprega-se a abstração da linha temporal, que é orientada pela localização corporal – tanto nas propostas da existência de sinais fixos quanto nas de flexibilidade sistêmica. Portanto, as investigações parecem ter reservado a relação entre o espaço e o sistema flexional mais para as questões aspectuais do que para as temporais. Talvez seja possível observar aqui a proposta de Comrie (1976), seguida por Godoi (1992), na qual tempo é uma categoria dêitica e o aspecto se refere à situação em si.²⁰

A fim de sintetizar as propostas observadas neste item, a seguir é apresentado um quadro que resume as descrições já realizadas com relação às categorias tempo e aspecto para as línguas de sinais aqui mencionadas. Vale salientar que para a organização desse quadro, no que concerne à aspectologia, foi mantida a terminologia usada pelos autores anteriormente citados, o que torna algumas dessas descrições terminológicas redundantes como, por exemplo, os termos progressivo x durativo. Nele é possível verificar que a mesma descrição é realizada para diferentes realizações aspectuais, o que dificulta uma análise dessa categoria.

²⁰ Essa proposta está sinteticamente apresentada no item 2.1.

Quadro 1: Síntese de algumas descrições das categorias tempo e aspecto em ASL, IPSL, LGP

	LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL)		LÍNGUA DE SINAIS INDO-PAQUISTANESA (IPSL)	LÍNGUA GÊNEAL PORTUGUESA (LGP)
REALIZAÇÃO DA CATEGORIA TEMPO	Primeira hipótese: sinais específicos como marcas adverbiais para Passado, Presente e Futuro e emprego da linha temporal.	Segunda hipótese: sistema flexional com classes segmentais (<i>hold</i> , <i>movement</i>) e emprego da linha temporal.	Sinais específicos (como marcas adverbiais) para Passado, Presente e Futuro e emprego da linha temporal. Uso de expressões faciais.	Emprego do verbo de sinais adverbiais específicos para Presente e Futuro do Presente, podendo dispensada a marca adverbial. A linha temporal é inclusive para diferenciar entre tempos próximos e longínquos.
REALIZAÇÃO DA CATEGORIA ASPECTO	Reduplicação de sinais.	Morfemas aspectuais em movimentos dinâmicos que geram características específicas dos arcos (côncavo, convexo, bidirecional, metade, preso, reduplicação...)	Sinais específicos ou por modificações de movimentos. Uso de expressões faciais.	Semântica do verbo advérbios e modificação do movimento de verbos advérbios.
ASPECTO DURATIVO		Morfema aspectual exaustivo em movimentos dinâmicos.		Verbo mais movimento ondulado e contínuo.
ASPECTO PROGRESSIVO			Realiza-se com um conjunto fechado de sinais por meio da modificação de movimentos.	
ASPECTO HABITUAL				Verbo mais a mão em direção a...
ASPECTO COMPLETIVO			Sinais específicos: XATAM(A) 'acabado', XATAM(B) 'final' HO_GAYA 'acabado ou final'.	
ASPECTO NÃO-REALIZADO			Finalização abrupta do sinal .	
ASPECTO ITERATIVO			Várias repetições do sinal no mesmo lugar. Se o sinal raiz já é repetido, emprega-se sinal específico; BA:R_BA:R 'outra vez e outra vez'.	Emprego de advérbios de repetição do próprio advérbio.
ASPECTO DISTRIBUTIVO		Morfema aspectual múltiplo usado para as categorias gramaticais de números.	Repete-se o sinal por três vezes ou na dependência da especificação numérica de plural.	

Assim, as questões observadas, até o momento, sobre estruturação de tempo nas línguas de sinais se resumem da seguinte forma: colocações sobre o emprego da linha de temporal e o uso de sinais específicos, essencialmente advérbios. Com relação à marcação aspectual, são feitas referências a algumas classificações das modificações no parâmetro movimento dos sinais de verbos e advérbios – principalmente a questão da frequência e da repetição de sinais. Portanto, há toda uma investigação a ser realizada. Por isso, a intenção aqui é aprofundar a análise descritiva dos dados sobre a estrutura da referência temporal e aspectual na LIBRAS, tarefa que se coloca no capítulo 3 e, ainda, aplicar esses dados a uma teoria semântico-pragmática capaz de sistematicamente dar conta das categorias tempo/aspecto na LIBRAS, aplicação essa que se desenvolve no capítulo 4.

2.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo elabora-se, brevemente, um histórico dos principais estudos sobre tempo e aspecto, apenas com a intenção de apresentar essas categorias aos leitores que trabalham com áreas afastadas da aspectologia.

Com esse histórico já é possível notar que os estudos da aspectologia têm se valido – alguns mais, outros menos – de classificações lexicais dos verbos; dos conceitos de tempo de fala, de referência e de evento de Reichenbach (1947) ou de modelos teóricos que consideram o aspecto como resultado de uma combinação dos argumentos verbais.

Com relação às investigações de tempo/aspecto em línguas de sinais, existem duas grandes vertentes: uma que propõe a inexistência de flexão nessas línguas e outra que propõe a existência de afixação seqüencial. Para a primeira, a referência temporal se organiza, em determinadas línguas de sinais, com o emprego de elementos lexicais, principalmente os advérbios. Já para a segunda vertente, há a possibilidade de existirem afixos aspectuais marcados por características específicas dos movimentos que modificam a raiz dos sinais verbais.

Em todas as análises de línguas de sinais, aqui apresentadas, observa-se o emprego de uma linha temporal marcando presente, passado e futuro em relação à orientação corporal.

No que diz respeito à categoria aspecto, nas línguas de sinais, algumas marcas aparecem para o aspecto durativo (denominados por diversas terminologias pelos diferentes autores). E entre essas marcas estão: repetição de sinais verbais, amplitude e intensidade do movimento e processos não manuais como expressão facial.